

A TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO EM ESTUDOS DE ADMINISTRAÇÃO

Autoria: Luciene Braz Ferreira, Nara Torrecilha, Samara Haddad Simões Machado

Resumo

A técnica de observação vem sendo utilizada em diversas áreas de conhecimento, visto que a mesma possibilita ao pesquisador extrair informações de grupos e situações que com outras técnicas se tornariam mais complexo ou mesmo impossíveis. Diante disto, o objetivo deste artigo é apresentar como e com que meios a técnica vem se consolidando. Para tal, aborda os principais aspectos da literatura e analisa 39 teses de 9 cursos de pós-graduação em Administração. Concluiu-se que a técnica é sempre utilizada em conjunto com outras técnicas, porém falta detalhamento por parte dos pesquisadores na forma como a mesma é utilizada.

Introdução

Muitas são as técnicas de coleta de dados usadas nas várias áreas do conhecimento. Nos estudos de administração, uma parcela dos pesquisadores optam por coletar os dados por meio da observação, visto que os métodos de observação são aplicáveis para a apreensão de comportamentos e acontecimentos no momento em que eles se produzem, sem a interferência de documentos ou pessoas. A observação atenta dos detalhes coloca o pesquisador dentro do cenário de forma que ele possa compreender a complexidade dos ambientes psicossociais, ao mesmo tempo em que lhe permite uma interlocução mais competente (ZANELLI, 2002).

Por isto, a observação é mais adequada a uma análise de comportamentos espontâneos e à percepção de atitudes não verbais, podendo ser simples ou exigindo a utilização de instrumentos apropriados (ZANELLI, 2002). Ademais, para Günther (2006), o ponto forte da observação é o realismo da situação estudada, que fornece um indicador do nível em que as indagações estão para, a partir desta análise, se estruturarem posteriores e complementares entrevistas. Outra função importante da observação é o pesquisador se familiarizar com o ambiente e conhecer os participantes em potencial (SHAH, 2006), pois as perguntas de posteriores entrevistas devem ser feitas com base nos estilos dos participantes da comunicação e como eles interagem uns com os outros.

Diante da utilização da observação nas pesquisas em Administração, este artigo se mostra importante para discutir e elucidar questões acerca do tema. O presente trabalho tem por objetivo, portanto, analisar como o método de observação tem sido empregado nas teses defendidas no período de 2000 a 2010, nos cursos de pós-graduação em Administração com pontuação 5, 6 e 7 pelo sistema Qualis/CAPES, que referem ter utilizado o método de coleta de dados de observação. Cabe ressaltar, também, que o artigo dará ênfase à coleta de dados de observação como um meio de pesquisa qualitativa.

O uso da observação nas ciências sociais

Na área das ciências sociais, mais precisamente para o estudo em Administração (ciências sociais aplicadas), há o debate crescente sobre a utilização de técnicas inovadoras de pesquisa qualitativa e sua importante contribuição para o campo como métodos mais apropriados para investigar questões pertinentes. Percebe-se, então, a partir da década de 70, uma expansão na utilização de métodos qualitativos na área (GODOY, 1995).

A escolha de métodos de maior rigor científico é fundamental para fortalecer as investigações não só no *locus* acadêmico como em empresas e demais organizações. O seguimento correto dos preceitos de cada metodologia garante maior confiabilidade para os resultados que podem, por vezes, serem utilizados como ferramentas para a tomada de decisões na prática da administração. Desta maneira, as pesquisas contribuem para as discussões na academia e para a aplicação prática de seus resultados (FREITAS; MOSCAROLA, 2002).

É importante, portanto, discernir bem as técnicas disponíveis a fim de se realizar uma escolha adequada do método para cada questão de pesquisa colocada. Desta forma, não há uma única, ou melhor, técnica a ser utilizada, mas sim, mediante o conhecimento do objeto e possíveis instrumentos, uma escolha racional quanto àquela que será adotada.

Na pesquisa em Administração, a opção por métodos de pesquisa e análise qualitativos pode levar à escolha de técnicas isoladas ou à combinação de técnicas. O uso de estratégias complementares na pesquisa pode auxiliar no entendimento do objeto em questão (BELEI et al., 2008). Por isto, além dos instrumentos usuais como questionários e roteiros, bem como as técnicas usuais como a entrevista, podem ser empregados recursos de imagem e som para a observação (PINHEIRO et al., 2005).

Segundo Bechker (1972), a observação seria uma solução para o estudo de fenômenos complexos e institucionalizados, quando se pretende realizar análises descritivas e exploratórias ou quando se tem o objetivo de inferir sobre um fenômeno que remeta à certas regularidades, passíveis de generalizações.

De acordo com Tjora (2006), entrevistas e observação são técnicas interativas, visto que a entrevista conduz o pesquisador para a observação, enquanto que as observações podem sugerir os aprofundamentos necessários para as entrevistas.

Um tipo de observação, classificada como observação participante, tem sido utilizada por pesquisadores nos últimos anos para coletar dados sobre as características dos participantes que não são facilmente acessíveis por meio de outros métodos, para identificar os resultados de práticas específicas, e documentar os processos fisiológicos e psicológicos (PATERSON; BOTTORFF; HEWAT, 2003). A observação participante é interpretada e utilizada por pesquisadores de várias maneiras. Tem suas origens na etnografia e, mais tarde, na sociologia (PATERSON; BOTTORFF; HEWAT, 2003). Ela possibilita ao pesquisador e aos participantes desenvolver um relacionamento e confiança, necessário para os participantes revelarem "os bastidores das realidades" de sua experiência, que geralmente são escondidos de estranhos (PATERSON; BOTTORFF; HEWAT, 2003).

A observação permite, também, a detecção e obtenção de informações por vezes não apreendidas por outros métodos. Por outro lado, exige rigor e sistematização específicos, diferenciando-se da observação informal e denominando-se observação científica. Para esta última, têm-se um objetivo específico e a questão de pesquisa pode versar sobre os contextos sociais e influência dos mesmos sobre as relações humanas (CANO; SAMPAIO, 2007).

Etnógrafos freqüentemente optam por gravar uma observação científica. Isto acontece porque as observações podem gerar desvios no que diz respeito ao conhecimento e crenças do pesquisador. Outros métodos também podem gerar os mesmos desvios, porém a gravação é uma forma de resguardar a fidedignidade dos dados. De qualquer forma, Wolfinger (2002) diz que não há como negar que o conhecimento de fundo do pesquisador influencia os casos que são escolhidos para serem observados, isto é, o conhecimento tácito do pesquisador afeta as observações que serão registradas em anotações de campo, sejam eles gravados ou registrados em diários.

Ainda acerca da rigorosidade do método, Lüdke e André (1986, p. 25) descrevem que “para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador”.

Por isto, é interessante preparar um treinamento para os observadores afim de executar uma observação científica, ou seja, propõe-se um treinamento dos observadores, que considere a possível interferência no grupo estudado e a manutenção de rigor metodológico para garantir maior critério à pesquisa e reduzir a subjetividade (CANO; SAMPAIO, 2007). A literatura de referência considera que a presença do pesquisador não é suficiente para inviabilizar a representatividade do método, porém alega que esta presença pode ter impacto em situações específicas, como nos contatos informais, na iminência de conflitos e no início do processo de observação (BORTOLI; TEIXEIRA, 1984).

Desta forma, a observação deve responder de maneira satisfatória a particularidades de algumas questões de pesquisa e deverá apresentar algumas características específicas, como: possibilidade de coleta de dados durante longos períodos; coletar as informações de maneira discreta e reservada, a fim de evitar que as respostas sejam inverídicas; coletar informações que possibilitem uma predição do fenômeno e produzir dados que possam ser aplicados em larga escala, ou seja, em vez de trazer regularidades de uma característica para generalização, deve ser passível de, se necessário, comparar com diversos outros casos (BECHKER, 1972).

Variantes do método observação

Além da observação participante, já mencionada neste trabalho, quanto a participação do pesquisador, a observação também pode ser classificada como não participante, na qual o pesquisador não se envolve com o objeto pesquisado. A observação não participante também pode ser conhecida como simples. O pesquisador permanece alheio à comunidade ou processo ao qual está pesquisando, tendo um papel de espectador do objeto observado (GIL, 2006). Na observação não participante os sujeitos não sabem que estão sendo observados, o observador não está diretamente envolvido na situação analisada e não interage com objeto da observação. Nesse tipo de observação o pesquisador apreende uma situação como ela realmente ocorre. Contudo, existem dificuldades de realização e de acesso aos dados (MOREIRA, 2004).

Na observação participante, o observador torna-se parte da situação a observar. O pesquisador parte das observações do comportamento verbal e não verbal dos participantes, de seu meio ambiente, das anotações que ele mesmo fez quando no campo, de áudio e vídeo *tapes* disponíveis, entre outros (MOREIRA, 2004). Esse método pode gerar hipóteses para o problema investigado.

Em qualquer tipo de pesquisa, seja em que modalidade ocorrer, é sempre necessário que o pesquisador seja aceito pelo outro, por um grupo, pela comunidade, para que se coloque na condição ora de partícipe, ora de observador (MARTINS, 2004). Cabe ressaltar que existem diferentes níveis de participação, sendo que o pesquisador pode, desde apenas assistir, até agir na situação objeto da observação. Com a utilização desse método é possível coletar informações sobre as causas geradoras dos comportamentos e ter acesso a dados potencialmente importantes e úteis. Por outro lado, a análise e interpretação dos dados é mais complexa; com o aumento do nível de participação, o observador pode perder a objetividade; e a presença do observador pode influenciar a situação, perdendo-se espontaneidade e rigor.

Uma terceira classificação diz respeito a observação sistemática ou planejada. Neste caso, têm-se que o pesquisador deve escolher previamente o fenômeno a ser estudado e o foco exato que irá seguir para a análise, elaborar um plano com as categorias de análise necessárias, construir objetivos prévios à pesquisa e realizar uma observação controlada (BORTOLI; TEIXEIRA, 1984; CANO; SAMPAIO, 2007; BELEI et al. 2008). Esse tipo de observação sistemática permite a produção de dados quantitativos.

Quanto aos meios utilizados, as observações podem ser estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas, ou seja, o pesquisador pode ir a campo com um roteiro previamente estabelecido ou sem ele. A observação não estruturada, na qual o observador age livremente observando e decidindo o que pode ser significativo para a pesquisa não é a mais indicada para estudos científicos.

A observação participante costuma ser essencialmente não estruturada enquanto a observação simples e sistemática costuma ser baseada em estruturas pré-formuladas. Já na observação semi-estruturada, o observador define algumas categorias de observação, porém mantém-se aberto à formação de novas categorias. O quadro 1 apresenta um resumo dos tipos de observação, com suas vantagens e limitações.

Tipos	Vantagens	Limitações
Participante	Facilita o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos;	Pode significar uma visão parcial do objeto estudado;
	Possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado;	Desconfiança do grupo investigado em relação ao pesquisador;
	Possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados.	
Não participante	Possibilita a obtenção de elementos para a definição do problema de pesquisa;	É canalizada pelos gostos e afeições do pesquisador. Muitas vezes sua atenção é desviada para o lado pitoresco, exótico ou raro do fenômeno;
	Favorece a construção de hipóteses acerca do problema pesquisador;	O registro das observações depende, freqüentemente, da memória do investigador;
	Facilita a obtenção de dados sem produzir querelas ou suspeitas nos membros das comunidades, grupos ou instituições que estão sendo estudadas.	Dá ampla margem à interpretação subjetiva e parcial do fenômeno estudado.
Observação sistemática	Facilidade na análise do material coletado.	O pesquisador está impossibilitado de ocultar a realização da pesquisa; Tem que ter tempo e preparação prévia das categorias a serem analisadas

Quadro 1 – Tipos de observação

Fonte: Adaptado de Gil (2006)

Quando se fala em processo de observação, são reconhecidos e descritos cinco componentes: “o objeto de observação, o sujeito de observação, as condições de observação, os meios de observação, e o sistema de conhecimentos a partir do qual formula-se o objetivo da observação” (REYNA, 2005). Dentre estes, são indispensáveis o observador e o objeto da observação; os meios, que propiciam uma ampliação das características do objeto para análise; as condições de observação, que dizem respeito ao contexto no qual o objeto se manifesta; e o sistema de conhecimentos, que constitui o referencial teórico que fundamenta a pesquisa (REYNA, 2005; BELEI et al., 2008).

A observação pode, ainda, ser realizada onde o fenômeno naturalmente ocorre ou em laboratório. No primeiro caso, por vezes, podem ser percebidos pontos do fenômeno que não seriam evidenciados fora do campo natural, o que pode ser um condição favorável à validação externa. Esta questão é especialmente delicada na técnica de observação, visto que alguns metodólogos discutem se a participação do observador no campo de estudo poderia alterar o comportamento dos sujeitos da pesquisa e, desta maneira, os resultados, já que o pesquisador não apresenta uma postura neutra e imparcial (CANO; SAMPAIO, 2007).

Para o registro das informações podem ser utilizados o registro cursivo, *check list*, códigos e palavra-chaves, que são melhor detalhadas a *posteriori* (BELEI et al., 2008). Zanelli (2002) descreve que o pesquisador deve proceder a um constante e minucioso exame dos elementos que estão no contexto analisado. Uma análise inicial das notas de campo pode gerar protocolos de observação apropriados ao contexto e, assim, seguir com uma observação mais dirigida.

Dilemas ao uso da observação

Tjora (2006) afirma que o método de observação faz demandas substanciais sobre o pesquisador e pode ser uma das formas mais difíceis de pesquisa para aplicar em seu próprio ambiente. A vida cotidiana, que aceitamos sem questionar, pode tornar invisíveis coisas que seriam relevantes para o observador. Estudantes e pesquisadores têm sido muitas vezes relutantes em iniciar estudos de observação, visto que há o risco de ser rejeitado por causa da grande necessidade de presença pesquisador, ou, num segundo momento, o risco de não ser

capaz de lidar com o fato de passar tanto tempo junto com os objetos do próprio estudo, e, ainda, o medo de acabar com pilhas de dados que podem não ser capazes de analisar (TJORA, 2006).

As dificuldades do método não se limitam às questões apresentadas acima. As dificuldades do método incluem, ainda, situações que implicam em como fazer anotações de campo, o que anotar e, implicitamente, o que observar (TJORA, 2006).

À essas dificuldades ainda são acrescidas críticas à pesquisa qualitativa que, muitas vezes, erroneamente, é assumida como sendo menos objetiva e mais propensa ao viés do que os métodos quantitativos (MONAHAN; FISHER, 2010). Esta questão torna-se ainda mais delicada porque o método de observação pode ser analisado das duas formas: qualitativa e quantitativamente. Historicamente, sua análise costuma ser mais voltada para a pesquisa qualitativa.

No centro das questões relacionadas especificamente à observação participante, estão as relacionadas a pesquisas realizadas por um pesquisador interno ao campo pesquisado. A questão orbita em saber se os resultados e conclusões interpretativas seriam significativamente diferentes se o estudo fosse conduzido por um observador estranho. Dilemas éticos e metodológicos, enfrentados pelo observador participante interno são, muitas vezes, escondidos porque o informante pode assumir que existe uma vantagem mensurável inerente em ver as coisas a partir do interior e porque a realização é, pelo menos em parte, um produto da própria percepção do pesquisador. Por outro lado, existe a idéia de que a posição relativa do observador participante pode revelar uma nova perspectiva, um significado oculto ou uma compreensão única que não é alcançável por um estranho (LABAREE, 2002).

A eficiência da observação como metodologia de pesquisa em ciências sociais é baseada na capacidade de recolher dados significativos em um curto espaço de tempo. No entanto, essa eficiência também é um problema - a saber, o de tirar conclusões precipitadas, numa fase muito inicial de um projeto de pesquisa (TJORA, 2006).

Por outro lado, técnicas típicas da pesquisa qualitativa - entrevistas, observações, grupos focais - permitem o acesso a grupos tais como pessoas com deficiência e crianças, que são difíceis de atingir se as técnicas quantitativas são utilizadas (SHAH, 2006). Um exemplo diz respeito aos estudos sobre sistemas de informação. Nandharkumar e Jones (2002) demonstram que dados obtidos por meio de observação participante contribuem para uma rica compreensão de processos de desenvolvimento de Sistemas de Gestão de Informação, permitindo um estreito envolvimento e experiência direta com contexto de pesquisa em toda sua complexidade, de uma forma que não teria sido possível a partir de outros métodos de coleta de dados. Segundo os autores, a falta de estudos anteriores utilizando observação participante, significa que há pouca orientação sobre como conduzir tais estudos. Isto pode significar um desincentivo à adoção da observação participante, mas, mais importante, podem evitar o reconhecimento do seu valor como um método potencial de pesquisa do Sistema de Gestão de Informação.

Meios de observação

Günther (2006) apresenta documentos, diários, vídeos, gravações como meios de registro da observação, pois a observação inclui registros de comportamento e estados subjetivos, registrando manifestações humanas observáveis.

Paterson, Bottorff e Hewat (2003, p. 31) ressaltam que os pesquisadores geralmente selecionam a gravação de vídeo como uma estratégia única de observação para “analisar comportamentos descontextualizados, comportamentos simultâneos e comportamentos não-verbais, que são difíceis de observar e analisar em tempo real”, além de reduzir distorções de análise. O uso de vídeo também é indicado para estudos nos quais o objeto é fruto de relações

humanas complexas - comportamentos individual e grupal, o ambiente, a linguagem não-verbal, entre outros aspectos - cuja observação e análise não seriam possíveis por um único observador e/ou a possibilidade de rever o fenômeno, atentando para diferentes aspectos, o que traria maior confiabilidade para a discussão (PINHEIRO et al., 2005). Porém, o uso de vídeos deve considerar as características pessoais e habilidades do pesquisador, a indicação para determinadas questões de pesquisa, o tempo para a realização da mesma, os equipamentos e habilidades técnicas dos operadores dos mesmos, as questões éticas relacionadas, entre outros (PINHEIRO et al., 2005).

Apesar da observação em pessoa e com a utilização de câmeras de vídeo para registrar observações apresentarem diferenças óbvias, existe pouca literatura sobre os efeitos e as variações da mistura de métodos de observação na pesquisa qualitativa (PATERSON; BOTTORFF; HEWAT, 2003)

Em particular, ressalta-se a observação participante e gravação de vídeo, pois são duas estratégias de observação na pesquisa qualitativa que podem fornecer diferentes tipos de dados. Por isto, a observação participante e gravação de vídeo são geralmente utilizadas separadamente uma do outra e a escolha entre as duas é baseada na finalidade do estudo. Cada vez mais, os investigadores estão embarcando em estudos complexos, com uma combinação destes dois métodos de observação como estratégia de observação a ser utilizada para resolver as limitações e estender os efeitos dos outros métodos para alcançar os objetivos da pesquisa (PATERSON; BOTTORFF; HEWAT, 2003).

Tradicionalmente, a observação participante tem implicado entrevistas e análise documental em conjunto com a observação. Tem havido uma tendência recente de conjugar a observação participante com as estratégias de coleta de dados além de entrevistas.

Método de Pesquisa

Para realizar o levantamento para a análise dos dados, inicialmente, foram selecionados os cursos de pós-graduação em Administração e, posteriormente, os cursos com pontuação 5, 6 e 7 pelo sistema Qualis/CAPES, que possui classificação com atribuição de 1 a 7. Na Tabela 1 pode-se observar que 85 instituições possuem algum tipo de curso de pós-graduação em Administração. Destas, 31 possuem apenas mestrado, 1 apenas doutorado, 27 apenas mestrado profissionalizante e 26 apresentam uma combinação de dois ou mais cursos da área.

Tabela 1 – Totais de cursos de pós-graduação em Administração no país

ÁREA (ÁREA DE AVALIAÇÃO)	Totais de Cursos de pós-graduação				
	Total	Mestrado	Doutorado	Mestrado Profissionalizante	Combinação de dois ou mais cursos
Administração	85	31	1	27	26

Fonte: Capes, Atualizado em 31/08/2010

Como mencionado anteriormente, foram escolhidos apenas cursos de pós-graduação em Administração com nota 5 ou acima em todos os cursos de oferecidos, o que conduziu a pesquisa para o universo de 13 instituições, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Cursos de Administração Nacionais com nota 5 ou acima de 5 conforme classificação da Capes

PROGRAMA	IES	UF	CONCEITO		
			Mestrado	Doutorado	Mestrado Profissionalizante
Administração	UFBA	BA	5	5	5
Administração	UFMG	MG	5	5	-
Administração	UFLA	MG	5	5	-
Administração	UFPE	PE	5	5	-
Administração	UFPR	PR	5	5	-
Administração	PUC/PR	PR	5	5	-
Administração	UFRJ	RJ	5	5	-
Administração	FGV/RJ	RJ	5	5	5
Administração	UFRGS	RS	6	6	5
Administração	USP	SP	6	6	-
Administração de empresas	PUC-RIO	RJ	5	5	5
Administração de empresas	UPM	SP	5	5	-
Administração pública e governo	FGV/SP	SP	5	5	-
Administração de empresas		SP	6	6	-

Fonte: Capes, Atualizado em 31/08/2010

Nos repositórios institucionais dos cursos apresentados na Tabela 2 efetuou-se a busca de teses utilizando a palavra-chave “observação”, no período compreendido entre janeiro de 2000 a novembro de 2010. A escolha por teses em detrimento a outros tipos de estudos científicos se deu pela quantidade de informações procuradas sobre a técnica que normalmente não são encontradas em outros tipos de publicações.

Estes critérios levaram a seleção de 46 teses, pois os *sites* de algumas das instituições não apresentaram nenhum resultado. Cabe ressaltar que o não aparecimento de teses por parte destas instituições não garante que não houve nenhum trabalho utilizando a técnica de observação, visto que algumas destas instituições não possuem pesquisa pelo conteúdo do resumo ou trabalho, apenas pelo título. Inclusive, este foi um dos fatores limitadores desta pesquisa. Em seguida, procedeu-se a leitura das teses, a fim de verificar se a seleção realizada por meio da palavra-chave havia, de fato, levado a identificação de trabalhos que utilizaram a técnica de observação em seus métodos de pesquisa. Para este corte, em cada trabalho analisado, a leitura buscou identificar as seguintes informações:

- Título do trabalho;
- Autores;
- Ano de defesa;
- Instituição dos autores;
- Método de pesquisa;
- Técnica(s) de coleta de dados.

Já num primeiro momento quatro teses não puderam compor a análise. Duas teses da UFPE, uma da USP e uma da UFLA não foram encontradas disponíveis na internet. Após a leitura de 42 teses, três teses foram descartadas, pois não utilizavam observação como técnica de coleta de dados, sendo duas da FGV/Rio e uma da USP. Por conseguinte, somente 39 teses foram analisadas.

Tabela 3 – Quantidade de teses por curso

IES	Quantidade
UFBA	2
UFMG	3
UFLA	(5) 4
UFPE	(2)
UFPR	0
PUC/PR	0
UFRJ	3
FGV/RJ	6
UFRGS	13
USP	(6) 5
PUC-RIO	0
UPM	3
FGV/SP	0
TOTAL	39

A tabela 4 apresenta as teses distribuídas por ano e instituição.

Tabela 4 – Teses analisadas por ano e por instituição

IES	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	TOTAL
UFBA								2				2
UFMG								3				3
UFLA								1		1	2	4
UFRJ						1		1		1		3
FGV/RJ									3	2	1	6
UFRGS				1		1	2	1	2	4	2	13
USP				1	1	1			1		1	5
UPM								1	1	1		3
TOTAL	0	0	0	2	1	3	2	9	7	9	6	39

Conforme a Tabela 4, pode-se notar que as teses avaliadas estão concentradas nos anos de 2007, 2008, 2009 e 2010, sendo os anos de 2007 e 2009 com a maior quantidade de teses avaliadas. A UFRGS possui o maior número de teses, seguida da FGV/Rio e USP.

Para fins de análise, as teses foram classificadas conforme critério apresentado no Quadro 2. As teses foram distribuídas entre as três autoras deste artigo que durante toda a análise se reuniram para dirimir eventuais dúvidas quanto a classificação ou aplicação de algum critério.

Critério	Especificação
Temas abordados	Temas abordados pela pesquisa
Abordagem	<p>Qualitativa - quando a pesquisa buscou analisar de forma interpretativa os dados apresentados</p> <p>Quantitativa - quando a pesquisa buscou apresentar os dados se valendo de controle estatístico ou de variáveis</p> <p>Quali-quantitativa - uso das duas abordagens</p>

Classificação da pesquisa	Explicação do autor para o tipo de pesquisa utilizado: descritiva, exploratória, estudo de caso, dentre outros
Técnica de coleta de dados	Explicação do autor para os procedimentos de coleta. Aqui serão analisadas técnicas que foram empregadas em conjunto com a observação
Tipo de observação	Quanto a estrutura da observação: observação estruturada, semiestruturada ou não estruturada Quanto a participação do pesquisador : observação participante, não participante e sistemática
Local	Local no qual a observação foi realizada
Meios	Tipo de registro para a observação: diários, vídeo, documentos, outros.

Quadro 2 – Especificações dos critérios de análise das teses

Estes critérios nortearam a ordem da apresentação de análise e discussão das informações coletadas das teses.

Análise e Discussão dos Dados

A seguir, as teses são apresentadas conforme os critérios determinadas na fase de método da pesquisa.

No que diz respeito aos temas abordados, é necessário que sejam observados com cautela, pois a classificação não foi apontada pelos autores das teses e, sim, pelas autoras deste artigo a partir do título, problema de pesquisa e objetivos.

Os temas não são recorrentes ou possuem algum tipo de padrão. Apresentam-se trabalhos na área de gestão organizacional, internacionalização de empresas, marketing – tanto prospecção quanto comportamento do consumidor e gestão de pessoas.

Sobre a abordagem declarada pelos autores das teses, do total de 39 teses, 31 apresentaram-se como pesquisas qualitativas, 8 como quali-quantitativa e nenhuma pesquisa foi classificada como quantitativa, o que leva a inferir que a observação tem sido utilizada predominantemente (79%) como técnica de coleta de dados de pesquisas qualitativas no caso dos estudos em cursos de Administração.

A classificação da pesquisa também se constitui um elemento importante para a análise dos trabalhos. A partir dela é possível verificar como a observação vem sendo usada em estudos na área de administração.

A tabela 5 apresenta a classificação dos métodos da pesquisa apresentados pelos autores.

Tabela 5 – Distribuição das classificações do método por frequência de aparecimento nas teses

Classificação	Frequência
Comparativa	1
Conclusiva	1
Descritiva	9
Exploratória	5
Etnografia	3
Explicativa	3
Interpretacionista	6
Estudo de caso	11
Estudo de múltiplos casos	6
Paradigma modernista	1

Paradigma construcionista	1
Transversal	1
Não classificaram	11

A classificação mais frequente nos trabalhos que utilizam a técnica de observação é o estudo de caso. Das 39 teses, 11 classificaram a pesquisa como estudo de caso, sendo que 6 utilizaram o estudo de caso juntamente com outras classificações: descritivo, exploratório e explicativo (1), interpretativo e explicativo (1), somente interpretativo (2), somente exploratório (1), somente descritivo (1). Os outros estudos de caso tiveram classificação única.

Outra classificação que merece destaque é a descritiva. Em nenhum dos 9 casos esta classificação ocorreu sozinha. A pesquisa descritiva foi apontada em conjunto com pesquisa conclusiva (1), comparativa (1), explicativa (1), transversal e exploratória (1), interpretativa exploratória (1), estudo de caso (1), estudo de caso, exploratória e explicativa (1), estudo de múltiplos casos e interpretativa (1) e estudo de múltiplos casos e exploratória (1).

Dos 11 trabalhos que não apresentaram classificação, 7 classificaram apenas como pesquisa qualitativa e 4 como pesquisa quali-quanti, classificação já contemplada na análise do critério abordagem.

Difícilmente a observação se constitui na única forma de coleta de dados. Como apresentado por Tjora (2006) ainda há diversas críticas a cientificidade desta forma de coleta. Por isto, este artigo procurou quantificar, na área de administração, o uso ou não de outras técnicas que são mais usuais no uso em parceria com a observação. A Tabela 6 apresenta a relação das técnicas e sua frequência.

Tabela 6 – Distribuição das técnicas de coleta de dados por frequência

Local da observação	Frequência
Entrevista	38
Documentos	26
Questionários	8
Revisão da literatura	6

A técnica mais utilizada, que apareceu em 97% dos casos é a entrevista. Elas ocorrem de forma estruturada, semiestruturada e não estruturada. Também aparecem em profundidade. A propósito, nenhuma tese foi realizada somente com a técnica de observação. Todas combinaram a técnica com outra forma de coleta. Este resultado corrobora com Tjora (2006), no sentido de que a observação ainda é uma técnica criticada por sua cientificidade e pode-se inferir que os pesquisadores sentem a necessidade de triangular as informações com outras técnicas de coleta.

Um dos itens considerados mais importantes nesta pesquisa trata do tipo de observação realizada pelas teses. A tabela 7 apresenta a frequência com que são apresentados os tipos. Vale salientar que a classificação foi declarada pelo autor da tese. Os autores que não classificaram foram declarados no item não informado.

Tabela 7 - Distribuição das classificações do tipo de observação por frequência de aparecimento nas teses

Classificação	Frequência
Direta	14

Participante	10
Não participante	7
Sistemática	2
Não informado	6

No que diz respeito a frequência dos tipos de observação, 36% dos autores declararam que fizeram observação direta. Dos 10 estudos participantes, apenas 1 utilizou mais classificações, denominando-se sistemático e assistemático em alguns momentos da observação.

Já dos estudos classificados como não participantes, apenas 1 apresentou-se como observação estruturada e 3 como não estruturada. Estes últimos, além de não estruturada, também se classificaram como observação individual. Um dos estudos foi classificado como não participante e assistemático. As duas pesquisas sistemáticas não tiveram outras classificações. Os locais nos quais as observações aconteceram que foram apontados pelos autores são: cervejaria, convenções, cooperativas, creche, empresa (tanto do setor público quanto privado, podendo ser a totalidade de suas instalações ou apenas um departamento), escola e fazenda, hospitais, mercado, município, praia, recepção de hotel, residências, reuniões, rota de tropeiros, universidade, vinícola, jornais e revistas e em sites. Quanto ao local, apenas 2 teses não apresentaram o local da observação na descrição.

A tabela 8 apresenta a frequência com que cada uma das localidades foi citada pelos autores.

Tabela 8 - Distribuição dos locais de observação

Local da observação	Frequência
Cervejaria	1
Convenções	2
Cooperativas	1
Creche	1
Empresa	15
Escola e fazenda	1
Hospitais	1
Município	1
Mercado	1
Recepção de hotel	1
Residências	4
Reuniões	1
Rota de tropeiros	1
Universidade	1
Vinícola	1
Jornais e revistas	3
Sites (internet)	5

Pelas classificações de método mais frequentes era esperado que a maior parte das observações ocorresse em empresas. A pesquisa em sites também parece ser uma tendência nas pesquisas em administração. Algumas delas o ambiente virtual fazia parte do foco da pesquisa, como se fosse uma unidade organizacional dentro de um estabelecimento. A literatura não aponta um local ótimo para que se realize a observação. Neste caso, cada pesquisador deve estar atento para que o local possa retratar a realidade que se procura pesquisar, sem interferências ou distorções.

Para os meios de registro das observações, das 39 teses, 21 autores não informaram como foi o meio de registro para a técnica de observação, totalizando 54%. Dos autores que informaram, 9 utilizaram o diário (ou declararam notas de campo). 2 informaram usar registro de observação e plano de observação, porém não houve especificação de como seria o registro ou o plano. Apenas 1 declarou usar vídeo como meio de registro da técnica.

Em outra situação, 9 declararam utilizar documentos como meio de registro das observações. Aqui cabe salientar que “documentos” não diz respeito a análise documental e, sim, ao registro da observação. Destes, 4 utilizaram os documentos em conjunto com diários. 4 utilizaram a fotografia, sendo que 3 combinaram com outras técnicas, como diários e documentos. E apenas 1 declarou ter utilizado gravador (mp3) para registro da observação. As tabelas 9 e 10 apresentam as utilizações destes meios.

Tabela 9 – Distribuição do tipo de registro da observação

Tipo de Registro	Frequência
Diários	8
Documentos	9
Vídeo (gravação)	1
Gravador (mp3)	1
Fotografia	4

Tabela 10 – Distribuição da forma de registrar a observação

Método de Registro	Frequência	Percentual
Apenas 1 método	12	31%
Mais de 1 método	6	15%
Não informado	21	54%

O fato de 54% dos autores não ter declarado qual o meio de registro de suas observações leva a inferir que uma parte dos pesquisadores ainda não relata ou se preocupa devidamente com a cientificidade da observação como meio de coleta de dados. Esta ainda é uma lacuna que precisa ser preenchida e trabalhada nos cursos de pós-graduação em administração.

Conclusões

Apesar da entrevista ser um dos métodos mais utilizados para coleta de dados em pesquisas qualitativas, há novas abordagens relevantes, que favorecem a compreensão de alguns fenômenos não facilmente explicados por outras técnicas e que podem expor novas características e informações. A observação pode ser uma destas técnicas alternativas, que pode ser usada tanto em conjunto com a entrevista quanto com outras técnicas.

Porém, a observação ainda precisa ser divulgada e, por que não, ensinada nos cursos de forma mais sistemática, obedecendo a critérios mais formais e estruturais. As pesquisas devem ser baseadas em autores que classificam esta técnica, para que sua cientificidade seja respeitada e difundida no meio acadêmico, pois a discussão recorrente na academia acerca do método, suas vantagens e limitações é de extrema relevância e garante maior confiabilidade para a pesquisa.

Também é preciso estar atento sobre qual é o melhor meio de observação para cada tipo de coleta de dados e com que técnica ela pode ou deve ser apresentada em conjunto, além de sua maneira de registro. Percebeu-se que a literatura apresenta diversas formas de registro, porém os pesquisadores ou não a utilizam ou não discriminam em seus trabalhos, além de não

apresentarem o local da observação e nem seu tipo. Isto gera, mais uma vez, falta de credibilidade para a técnica.

Como pesquisas futuras, sugere-se aprofundar nos estudos das diversas técnicas de observação, atentando para a utilização das técnicas estruturadas, não estruturadas, em profundidade e, principalmente, participante citadas pelos autores das teses pesquisadas neste artigo. Esta sugestão parte da percepção de que os autores não explicam suas classificações nem apresentam argumentos para justificá-las. Sendo assim, é importante que estas questões sejam elucidadas para melhor utilização da técnica. Pádua (2007) apresenta que o método surge como divisor de águas entre o mito e a racionalidade, entre a lógica e a subjetividade, por isto, ter cuidado com a técnica para que a mesma não seja acompanhada de juízos de valor e crenças do pesquisador é condição *sine qua non* em qualquer área de pesquisa.

Este trabalho objetivou investigar o perfil da utilização da observação em pesquisas acadêmicas da área, produzidas nos cursos de pós-graduação nacionais melhor conceituados.

Esta análise permitiu mostrar a amplitude do uso do método ao longo dos últimos 10 anos e quais instituições utilizam esta abordagem em suas pesquisas. Mesmo assim, ressalta-se a necessidade de parcimônia na análise, pois nem todas as universidades pesquisadas tiveram seus trabalhos buscados da forma mais apropriada por falhas nos sites de busca. Além disto, muitos pesquisadores não expõem com clareza e detalhes de informações como realizaram suas pesquisas por meio da observação, o que dificultou alguns aspectos aqui coletados e analisados.

Referências

BECHKER, H. A. Observation by informants in institutional research. **Quality & Quantity**, v. 6, p. 157-169, 1972.

BELEI, R. A.; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R.; NASCIMENTO, E. N.; MATSUMOTO, P. H. V. R. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de educação**, FAE/PPGE/UFPEL, Pelotas, v. 30, p. 187-199, jan/jun. 2008.

BORTOLI NETO, A.; TEIXEIRA, H. J. Métodos de estudo do trabalho administrativo. **Revista de Administração da USP**, v. 19, n. 2, p. 53-58, abril/jun. 1984.

CANO, D.S; SAMPAIO I.T.A. O método de observação na psicologia: Considerações sobre a produção científica. **Interação em Psicologia**, v.11, p. 199-210, 2007.

FREITAS, Henrique; MOSCAROLA, Jean. Da observação à decisão: métodos de pesquisa e de análise quantitativa e qualitativa de dados. **RAE-eletrônica**, v. 1, n. 1, p. 2-30, jan/jun. 2002.

GODOY, A. S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 65-71, jul/ago. 1995.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, mai/jun 2006.

LABAREE, R. V. The risk of going observationalist: negotiating the hidden dilemmas of being an insider participant observer. **Qualitative Research**, London, v. 2, n. 1, p. 97-122, 2002.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo (SP): EPU; 1986.

MARTINS, H. H. T. D. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, mai/ago 2004.

MONAHAN, T.; FISHER, J. A. Benefits of observer effects: lessons from the field. **Qualitative Research**, London, v. 10, n. 3, p. 357-376, 2010.

MOREIRA, D. A. Pesquisa em Administração: Origens, usos e variantes do método fenomenológico. **Revista de Administração e Inovação**, v. 1, n. 1, 2004.

NANDHAJUMAR, J.; JONES, M. Development gain? Participant observation in interpretive management information systems research. **Qualitative Research**, London, v. 2, n. 3, p. 323-241, 2002.

PATERSON, B. L.; BOTTORFF, J. L.; HEWAT, R. Blending observational methods: possibilities, strategies and challenges. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 2, n. 1, p. 29-38, 2003.

PINHEIRO, E. M.; KAKEHASHI, T. Y.; ANGELO, M. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 5, p. 717-722, 2005.

REYNA, C. P. **Vídeo e pesquisa antropológica**: encontros e desencontros. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em 14 de dezembro de 2010.

SHAH, S. Sharing the world: the researcher and the researched. **Qualitative Research**, London, v. 6, n. 2, p. 207-220, 2006.

TJORA, A. H. Writing small discoveries: an exploration of fresh observers' observations. **Qualitative Research**, London, v. 6, n. 4, p. 429-451, 2006.

WOLFINGER, N. H. On writing fieldnotes: collection strategies and background expectancies. **Qualitative Research**, London, v. 2, n. 1, p. 85-95, 2002.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos de Psicologia**, v. 7, p. 79 - 88, 2002.